



Antonio Carlos Abraão Vargas

A história dos heróis negros na Bíblia

A herança esquecida e o
renascimento da fé africana

Frôntis Editorial

Antonio Carlos Abraão Vargas

A história dos heróis negros na Bíblia

A herança esquecida e o
renascimento da fé africana

Frôntis  Editorial
São Paulo/SP
2025

Copyright© 2025 Antonio Carlos Abraão Vargas

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônicos, re-prográficos etc., sem a autorização por escrito do autor.

1ª edição - novembro de 2025

Capa e Produção Editorial: *Ricardo Sterchele*

www.frontis.com.br

Agradecimentos

Meus agradecimentos à minha esposa Consuelo Torres Vargas, ao meu filho Leonardo, aos meus pais Antonio Vargas e Maria Helena Vargas, à minha irmã Andrea Malam, às sobrinhas Sarah Malam, Douglas e Silene Carolino, aos pastores Eric Vianna e Sheila Vianna, Alejandro Saavedra, às minhas primas Karina de Souza e Karem de Souza.



Sumário

Agradecimentos 5

Introdução 13

Parte I - Raízes africanas nas escrituras sagradas

Capítulo 1

Cuxe e as origens bíblicas dos povos africanos 17

Capítulo 2 - Egito e Etiópia

Impérios negros do mundo antigo 19

Capítulo 3 - Moisés e a mulher cuxita

Uma lição divina contra o preconceito 21

Parte II - Heróis negros da fé

Capítulo 4 - Ebed-Meleque

O justo etíope que salvou o profeta 25

Capítulo 5 - Zerá e Tiraca

Reis guerreiros de Cuxe 29

Capítulo 6 - O eunuco da rainha candace

O evangelho chega à África 33

Capítulo 7 - O mensageiro cuxita de Davi

Lealdade e honra em tempos de dor 37

Capítulo 8 - Simeão, o negro de Antioquia

Um pai fundador da Igreja Gentílica. 41

Parte III - As três religiões abraâmicas e a África

Capítulo 9 - O judaísmo na África

Beta Israel e outras comunidades.47

Capítulo 10 - A Etiópia

O primeiro reino cristão do mundo.51

Capítulo 11

A Igreja Ortodoxa Etíope e suas tradições milenares55

Capítulo 12

O Islamismo e os povos negros africanos.59

Capítulo 13 – Interconexões

Como as três religiões se entrelaçam na história africana . . .63

Parte IV - A grande farsa histórica

Capítulo 14

A narrativa falsa do animismo exclusivo.69

Capítulo 15

Como os negros brasileiros foram prejudicados por esta visão.71

Capítulo 16

Os responsáveis históricos pela distorção75

Parte V - Renascimento e o futuro

Capítulo 17

O crescimento explosivo do cristianismo na África contemporânea.81

Capítulo 18

Impactos do cristianismo no desenvolvimento africano. . . .85

Capítulo 19

De escravos a herdeiros: recuperando a identidade.89

Capítulo 20

O reino sem cor: a visão universal de Cristo.93

Conclusão.97

Referências e fontes99

Introdução

Por séculos, uma narrativa histórica incompleta e, por vezes, deliberadamente distorcida, relegou os povos africanos a um papel secundário ou inexistente nas grandes crônicas da fé. A história ensinada em grande parte do mundo ocidental frequentemente apresenta a África como um continente que apenas *recebeu* as religiões abraâmicas — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo — através de missionários ou conquistadores, ignorando as profundas e milenares conexões que ligam o continente à própria gênese dessas tradições.

Este livro nasce da necessidade de corrigir essa visão e trazer à luz uma verdade poderosa e transformadora: os povos negros não foram meros espectadores passivos, mas protagonistas essenciais na história da salvação. Desde as primeiras páginas das Escrituras Sagradas, encontramos reinos africanos, heróis, profetas e santos negros que moldaram o curso da fé e cuja herança espiritual foi sistematicamente esquecida.

Nossa jornada nos levará às terras ancestrais de Cuxe, o poderoso reino africano mencionado na Bíblia, e ao Egito dos faraós negros. Caminharemos ao lado de figuras notáveis como a Rainha de Sabá, o eunuco etíope que se tornou o primeiro cristão africano, e Simeão, o profeta negro que ajudou a fundar a igreja em Antioquia. Redescobriremos a fascinante história das tribos

judaicas negras, como os Beta Israel da Etiópia, que preservaram suas tradições por milênios, e exploraremos a expansão do Islamismo, que viu o florescimento de grandes impérios islâmicos na África Ocidental.

Mais do que isso, este livro se propõe a dismantelar uma das farsas históricas mais prejudiciais: a de que a herança espiritual dos negros, especialmente no Brasil, se resume exclusivamente a religiões animistas. Abordaremos como essa narrativa, construída durante o período colonial, serviu para apagar a rica e diversa identidade religiosa dos africanos escravizados, muitos dos quais eram cristãos, judeus ou muçulmanos antes mesmo de serem arrancados de suas terras. Identificaremos os responsáveis por essa distorção e analisaremos como ela impactou negativamente a autoestima e a identidade do povo negro.

Por fim, olharemos para o presente e o futuro, testemunhando o crescimento explosivo do Cristianismo na África contemporânea. O continente que um dia foi visto como campo missionário hoje se tornou o epicentro da fé cristã global, exportando seus próprios missionários, teólogos e uma vitalidade que está a redefinir o cristianismo no século XXI.

Com uma linguagem elegante, mas de fácil entendimento, esta obra é um convite para redescobrir uma história que nunca deveria ter sido esquecida. É um ato de restauração histórica e espiritual, que busca devolver aos heróis negros da fé o seu devido lugar de honra e inspirar as novas gerações a se orgulharem de uma herança rica, profunda e divinamente entrelaçada na grande tapeçaria da história humana.

Parte I

Raízes africanas nas escrituras sagradas

Capítulo 1

Cuxe e as origens bíblicas dos povos africanos

A narrativa bíblica, em sua vasta genealogia dos povos, não começa na Europa ou na Ásia Menor, mas com uma forte e inconfundível presença africana. No livro de Gênesis, capítulo 10, conhecido como a “Tabela das Nações”, encontramos uma das primeiras e mais significativas menções a um povo africano: os descendentes de Cuxe.

“Os filhos de Cam foram Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã. E os filhos de Cuxe: Sebá, Havilá, Sabtá, Raamá e Sabtecá; e os filhos de Raamá: Sabá e Dedã. Cuxe gerou também a Ninrode, o primeiro homem poderoso na terra.” (Gênesis 10:6-8)

Cuxe, filho de Cam e neto de Noé, é apresentado como o progenitor de uma série de povos e nações. O próprio nome “Cuxe” (do hebraico *Kush*) é frequentemente associado à ideia de “preto” ou “escuro”, e sua terra era o poderoso Reino de Cuxe, localizado ao sul do Egito, em uma região que hoje corresponde ao Sudão e ao sul do Egito. Esta não era uma terra remota e desconhecida, mas uma civilização florescente, conhecida em todo o mundo antigo por sua riqueza, poder militar e cultura sofisticada.

Os cuxitas, ou núbios, como também eram conhecidos, estabeleceram uma civilização que rivalizava com a do Egito, chegando inclusive a governá-lo como a 25ª Dinastia de faraós. Suas pirâmides, embora menores que as de Gizé, são mais numerosas e testemunham uma cultura profundamente espiritual e avançada. A Bíblia não fala de Cuxe como um lugar distante, mas como uma força geopolítica relevante. Profetas como Isaías, Jeremias e Ezequiel mencionam Cuxe repetidamente, referindo-se a seus guerreiros temíveis, seus comerciantes e sua influência que se estendia por todo o Oriente Médio.

Ao estabelecer Cuxe como um dos pilares da genealogia pós-dilúvio, a Bíblia posiciona a África no centro do desenvolvimento da humanidade. Cuxe não é um adendo ou uma nota de rodapé; é parte da fundação. Esta origem bíblica desafia diretamente qualquer noção de que a África era um continente “sem história” antes da chegada dos europeus. Pelo contrário, as Escrituras mostram que, desde o início, os povos negros africanos eram parte integrante do plano divino, fundando reinos, construindo cidades e participando ativamente da história mundial.

Capítulo 2 - Egito e Etiópia

Impérios negros do mundo antigo

Quando pensamos no Egito Antigo, a imagem popular, moldada por séculos de representações eurocêntricas em Hollywood e na academia, raramente é a de uma civilização intrinsecamente africana. No entanto, tanto a Bíblia quanto a arqueologia moderna confirmam a profunda negritude e a conexão do Egito com o restante do continente. O próprio nome hebraico para o Egito, *Mizraim*, remete ao irmão de Cuxe, ambos filhos de Cam, solidificando sua identidade africana na cosmologia bíblica.

A influência africana no Egito atingiu seu ápice durante a 25ª Dinastia (c. 744-656 a.C.), quando os faraós cuxitas (ou núbios) unificaram o vale do Nilo desde a capital núbia de Napata até o Delta do Mediterrâneo. Reis como Piye, Shabaka e Taharqa (mencionado na Bíblia como Tiraca) não eram invasores estrangeiros, mas sim unificadores que se viam como restauradores da tradição e da fé egípcia. O profeta Isaías, por exemplo, reconhece a aliança entre Jerusalém e este poderoso império negro contra a ameaça assíria:

*“Eis que ele ouviu dizer de Tiraca, rei da Etiópia [Cuxe]:
Eis que saiu para te fazer guerra.” (2 Reis 19:9)*

Paralelamente, a Etiópia, frequentemente confundida com Cuxe nas escrituras, emerge como outro símbolo de poder e dignidade africana. A famosa visita da Rainha de Sabá ao Rei Salomão (1 Reis 10), uma monarca que a tradição etíope e o historiador Josefo identificam como vinda da Etiópia, não foi uma simples visita de cortesia. Foi um encontro diplomático e intelectual entre dois soberanos, onde a rainha africana testa a sabedoria de Salomão com “perguntas difíceis” e o presenteia com uma vasta fortuna em ouro e especiarias. Esta passagem ilustra uma relação de igualdade e respeito mútuo entre Israel e um reino africano.

Os profetas bíblicos frequentemente olhavam para a Etiópia não apenas como uma potência militar, mas como uma terra de significado espiritual profundo. Sofonias profetiza um tempo em que os adoradores de Deus viriam “de além dos rios da Etiópia” (Sofonias 3:10), e o Salmo 68:31 declara a famosa profecia: “A Etiópia estenderá as suas mãos para Deus”.

Essas passagens não são meras curiosidades geográficas. Elas são um testemunho poderoso de que, na mentalidade bíblica, os impérios negros do Egito e da Etiópia eram centros de poder, sabedoria e relevância espiritual. Eles não estavam na periferia do mundo, mas no coração de sua história, interagindo, guerreando e formando alianças com Israel e as outras grandes potências da época. A Bíblia os retrata como iguais, como protagonistas no grande drama da história da redenção, uma verdade que contradiz frontalmente as narrativas posteriores que buscaram apagar a África da história sagrada.

Capítulo 3 - Moisés e a mulher cuxita

Uma lição divina contra o preconceito

Em meio às leis, aos mandamentos e às narrativas épicas da jornada de Israel pelo deserto, o livro de Números nos apresenta um episódio breve, mas de profundo significado teológico e social. É um confronto direto e inequívoco de Deus contra o preconceito racial, personificado na figura da esposa de Moisés.

“E falaram Miriã e Arão contra Moisés, por causa da mulher cuxita, que tomara; porquanto tinha tomado uma mulher cuxita.” (Números 12:1)

O texto é direto: a fonte da discórdia não era o caráter da mulher, sua fé ou sua conduta, mas sua origem. Ela era cuxita, uma mulher negra da terra de Cuxe. Miriã e Arão, irmã e irmão de Moisés e líderes proeminentes de Israel, usam a etnia da esposa de Moisés como pretexto para questionar sua autoridade espiritual. O preconceito deles é uma tentativa de minar a liderança de Moisés, usando a cor de sua esposa como arma.

O que se segue é uma das mais fortes repreensões divinas registradas na Bíblia. Deus não ignora o comentário. Ele não o trata como uma questão menor ou uma simples disputa familiar. A reação é imediata e severa. Deus convoca Moisés, Arão e Miriã

à Tenda da Congregação e desce em uma coluna de nuvem para confrontá-los diretamente.

Deus primeiro reafirma a posição única e exaltada de Moisés, com quem Ele fala “boca a boca”. Em seguida, a ira divina se manifesta de forma visível e terrível. Quando a nuvem se retira, “eis que Miriã ficou leprosa, branca como a neve” (Números 12:10). A ironia divina é poderosa e cortante: Miriã, que desprezou alguém por sua cor de pele escura, é punida com uma doença que a torna “branca como a neve”, uma brancura que simbolizava impureza, doença e exclusão social na cultura da época. Ela, que tentou excluir a mulher cuxita, é ela mesma expulsa do acampamento por sete dias.

Este episódio é de uma importância monumental. Em um tempo em que a etnia e a linhagem eram de suma importância, Deus defende explicitamente um casamento interracial no mais alto nível de liderança de Seu povo. A escolha de Moisés por uma mulher cuxita não é vista como um erro ou uma fraqueza, mas como um fato que Deus protege ferozmente. A punição de Miriã serve como uma lição perpétua: o preconceito baseado na origem ou na cor da pele é uma afronta direta a Deus.

O casamento de Moisés com a mulher cuxita, e a defesa divina deste ato, santifica a união entre os filhos de Israel e os povos africanos. Demonstra que, para Deus, o que importa não é a aparência exterior, mas a fidelidade e o coração. Esta passagem bíblica é um pilar fundamental para a compreensão de que a diversidade racial não é apenas tolerada, mas abençoada e defendida por Deus, desmantelando, desde a antiguidade, as bases de qualquer teologia que ouse justificar o racismo.

Parte II

Heróis negros da fé